

Sexta-feira, 21 de Novembro de 1958

RUBEM BRAGA

A CRISE QUE NÃO É

O QUE mais me impressiona na actual crise política é que ela não tem uma existência real. Quero dizer, está solucionada por si mesma e passará de todo se não houver um fato novo.

Crise verdadeira implica em um impasse. No momento não há impasse algum. Os oficiais da Aeronáutica que foram punidos estão cumprindo suas penas. O fato que motivou suas atitudes não existe mais. Que o Procurador Geral da República processe um jornal a pedido de um ministro também é fato normal; é para isso que temos justiça; e esses processos terão seu seguimento e um dia serão encerrados naturalmente, com sentenças, positivas ou negativas. Que os líderes dos partidos da maioria assinem um manifesto elogiando um ministro — isso é algo de desesperadamente trivial. E que a oposição seja contra — é pleonasticamente óbvio.

A crise, portanto, só persistirá se houver o propósito firme de entretê-la. Que ninguém mais invente moda nenhuma, e a crise morrerá com a semana e amanheceremos segunda-feira na rotina do regime.

É o que esperamos que aconteça, mas sem grande esperança, pois estamos na pátria amada idolatrada do espírito-de-porco. A crise verdadeira é a econômica, tão mal cuidada que pode levar a uma angústia social insuportável.

Aos militares agradam muito continências; tenham eles um pouco também de continência — nos atos e nas palavras — e terão mais autoridade para pedir o mesmo aos paisanos. Então essa crise passará por si mesma, e até pode acontecer que ocorra ao governo pensar em cuidar da outra, da brava, da pior, da feia.